

RECEBIDO 9 JUL. 1982

" POESIAS "

de MARIA PINTO

O Coordenador Conselho de

NISA

UMAS PALAVRAS

Os artistas quase nunca são homenageados em vida.

Aqui se reúnem desordenadamente algumas das muitas poesias feitas, com amor e sacrifício, pela camponesa MARIA PINTO. Esta mulher trabalha no campo tem cerca de cinquenta anos e apenas a 3ª classe. Desde pequena que faz versos. Por tudo e por nada lá vai escrevendo, em qualquer papel ou até em tampas de caixas, aquilo que a imaginação lhe dita. À noite quando dedica um pouco, do seu dia de trabalho, à poesia lá está o marido a dizer-lhe "dêxa isse", mas a nossa camponesa não presta atenção a estas coisas e lá vai fazendo os seus versos.

Em Nisa é bem conhecida de toda a população. É raro aquele ou aquela que não tenha já recorrido à Srª Maria Pinto para lhe fazer uns versos para dedicar a um familiar ou a um amigo. Com rapidez a nossa poetisa trata das encomendas, sem levar nada.

E mais do que estas palavras aqui ficam algumas poesias publicadas no "CORREIO DE NISA" gentilmente cedidas pela autora.

À Dona Maria da Graça Pinto a minha homenagem e gratidão.

Miguel da Graça Curado Póvoa

Noite de Inverno

Treze de Janeiro, à noite.
Foi noite de amargura
para quem passou no campo
aquela noite escura.

Tanta água, tanto vento !
Era grande a trovoada,
noite negra, noite horrível,
quase não se via nada.

Foi má para os pastorinhos.
Cortava o coração.
Só havia água e vento,
relâmpago e trovão.

E então, dentro dum choço,
o vento sempre a soprar.
Foi preciso segurá-lo,
para ele não voar.

Eu bradava ao meu marido,
e ele não me acudia.
Acautelava as ovelhas,
com o vento, não me ouvia.

Por fim, o bardo tombou
em cima dos borreguinhos.
E lá ficaram debaixo,
todos, todos molhadinhos.

Levantavam-se as cancelas,
para os borregos salvar.
E eu agarrada ao choço
para ele não abalar.

Era uma noite de lobos,
mas eu nunca vi nenhum.
O que vi foi a raposa
que me levou o perum.

Também levou um borrego,
por que ela toda se pela.
Os cães estavam com frio,
não correram para ela.

Os perus dormem no bardo.
A água delitou-os ao chão.
Logo demos pela falta,
a-pesar da escuridão.

Inda lhe vimos as penas
e a carne enxovalhada.
A maldita da raposa !
Não lhe mete medo nada.

Foi uma noite bem má,
para nós e p'ro gadinho.
Toda a noite sem dormir.
Vi'a má do pastorinho.

Senhores da Comissão,
vão fazer uma caçada,
vão apanhar as raposas
às tapadas da Azeitada.

Nestas noites, o pastor
tem de estar sempre em sentido
porque muito animalzinho
nestas noites é comido.

Hoje a vida de pastor
é a mais amargurada,
estão presos noite e dia;
da vida não gosam nada.

Todos temos que sofrer,
cada um em sua vida,
tanto pobre como rico,
tudo tem sua fadiga. 20/1/69

O' que vida desregrada,
a vida da agricultura,
já ninguém quer trabalhar,
tudo quer fazer figura:

Há muitos campos pousios,
já têm pouco que ver;
daqui a pouco não sei
o que haremos de comer.

Tudo se quer empregar,
vão caminho de Lisboa.
Se isto não se mudar,
assim a vida vai boa...

Os cereais são baratos,
já não dão para pagar.
Assim o proprietário
é obrigado a parar.

As rendas são elevadas,
ferros e adubos também;
fartam-se de trabalhar
e não ajuntam vintem.

Se a terra não se cultiva
nenhum proveito nos dá.
Donde nos vem o sustento?
Ai de nós, o que será!

Pouca gente sacha milho,
já há poucas sachadeiras,
pois agora as raparigas
só querem ser costureiras.

Algumas são perfeitinhas,
outras não passam de aselhas.
Só pensam em se compor
e rapar as obrancelhas.

Se uma vem vestido novo,
vão as outras logo atrás,
os maridos que julgam
que não amejam rapaz.

Com treze e catorze anos,
logo entram namorados,
e nos bancos do jardim
passam as tardes sentados.

No meu tempo, as raparigas
todas tinham distinção;
havia ricos e pobres,
não havia «opinião».

Há certos pais, coltadinhos,
lá no campo esfadigados.
E os filhos nos Cafés,
como ricos, abonados.

Pobre e rico, nos Cafés;
não há vida como esta,
sempre vestidos de novo,
parece que vão à festa.

Lá se ficam nos Cafés,
tudo de perna trocada,
lá vão comendo e bebendo
e fumando a cigarrada.

Hoje muitos vão à França,
na ambição do dinheico,
outros vão para mais longe,
tudo vai ao estrangeiro.

As mulheres mudam logo,
tudo passa a trajar bem,
já deixam de trabalhar,
porque os homens ganham bem.

Vão atrás umas das outras,
sem nada lhes meter medo.
E compram logo alianças
para meterem no dedo.

Hoje a vida é assim,
não sei onde irá parar.
Temos de tapar a boca,
ninguém pensa em trabalhar.

Temos de comer o luxo
e a vaidade também.
Nesta era em que estamos
poucos ajuntam vintem.

Vão acabando os artistas,
já ninguém vai aprender
e bem poucos eles são,
não sei o que há-de-ser.

Já ninguém aprende officio,
fingem que vão estudar,
mas têm pouca vontade,
pois vão à bola jogar.

Antes pobre do que rico,
com esta vida de agora...
o pobre faz o que quer,
não lhe agrada, vai-se embora

Ainda sou sachadeira,
no campo gosto de andar.
Vou cantando uma cantiga
para o tempo se passar.

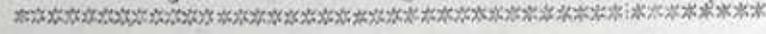
Eu gosto de andar no campo,
porque ele me dá o pão.
Anda lá o meu marido,
de cacheirinho na mão.

Por lá passo muitos dias,
trabalho como a formiga;
sacho o milho e o feijão,
ando assim nesta fadiga.

Da agricultura vem tudo
p'ra nossa alimentação.
Demos à terra o esforço,
p'ra não nos faltar o pão.

Se faltam trabalhadores,
não sei como isto será.
Gente nova só se emprega.
Esta vida não está má...

Todos devem trabalhar,
ninguém deve andar parado.
Só assim é justo querer
ganhar um bom ordenado. 20/8/66



A Vida de Pastor

Por Maria Pinto

Estava à volta do bardo,
no dia do apartar.
Ali andavam os homens
e os borregos a agarrar.

Estava manhã de sol,
mas os frios bem apertavam.
"Mé, mé, mé! Tudo berrava,
as mães e os filhos "choravam"

As mães tiraram os filhos,
coitadinhos! "a chorar"!
Pareciam que adivinhavam
que os iriam matar.

Os filhinos, coitadinhos,
adivinhavam a sorte.
sempre a bradar pelas mães,
adivinhavam a morte.

Nasceram para morrer,
sempre a berrar pelas mães,
criados pelos pastores
e guardados pelos cães.

Havia ali quatro bardos,
para tudo separar,
os que iam para a venda,
os que ficam p'ra criar.

Ali ficam a comer,
de vez em quando a berar.
Os filhos dos tristes filhos,
que já os foram matar.

Deixa o pastor o rebanho,
pega-lhe o alvôjeiro,
de noite e sempre chorando
naquele dia primeiro.

Ali fica cinco meses,
para fazer a queijeira.
Deixa de dormir no choço,
para dormir na esteira.

Deita-se ao fazer de noite,
até nascer a cabreira,
E depois vai ordenhar,
e não dorme a noite inteira.

De resto dorme no choço,
sempre com a porta aberta.
Lá tem os cães de guarda,
estão toda a noite alerta.

Quando vem a madrugada,
começa o galo a cantar,
levanta-se acende o lume
e vai o bardo mudar.

Andam dias inteirinhos,
sem falar para ninguém,
sempre a olhar os caminhos,
a ver se aparece alguém.

Houve tempo em que esta vida
todos a queriam seguir,
Hoje, então, é ao contrário,
tudo está a desistir.

Pega o pastor no rebanho,
depois que acaba a queijeira.
Vai-se um dia e outro vem,
sempre na mesma cegueira.

E quando está calor,
logo o gadinho sai cedo.
Quando chega certa hora,
anda mortinho de sede.

Dão-lhe água e vajuola,
até passar o calor,
Puxa tudo para a sombra,
o gadinho e o pastor

Vem depois a tarde fresca,
e diz então o pastor:
"Vamos lá a nossa vida,
que já passou o calor."

Vão fazenda postrada,
o pastor a acompanhar
e vai o cruzinho lá logo,
de vez em quando a ladrar.

Depois vem o "São Miguel",
co neça a erva a crescer,
vão crescendo os borreguinhos,
muito gosto ha de os ver.

Já há pouco quem os guarde,
porque é vida muito pressa;
é tudo quer liberdade,
é a vida portuguesa.

Velhos vão para o Asilo,
não querem gado guardar,
E ha muitos abonados
que não querem trabalhar.

2/4/65

por Maria Pinto

A vida está de tal forma
que ninguém pode entender,
todos têm na ambição
o que nunca pode ser.

P'ra o campo ninguém quer ir,
tudo se quer empregar.
Vamos comer os empregos,
são foices a trabalhar.

Já ninguém quer sacrifícios,
anda tudo a passear.
Já ninguém aprende officios,
não sei o que isto vai dar.

Hoje, os campos metem dó,
tanta terra abandonada,
dão pouco lucro aos patrões
porque a jorna é elevada.

Tapadas cheias de milho,
fica muito por sachar.
Uns abalam p'ra Lisboa,
outros p'ra França a marchar.

Já há poucas sachadeiras,
e vão acabar também;
é a tal vida moderna,
é comer e trajar bem.

Só bordados e costura
e fazer louça pedrada,
e de resto as raparigas
pouco mais fazem ou nada.

E os rapazes também
trajam de tudo à moderna.
Estão às portas dos cafés,
de calcinha justa à perna.

Se há dinheiro na carteira,
bebem cerveja da pipa;
e lá ficam a descobrir
qual a moça mais bonita.

Parecem alguém, de longe,
fatos de cor variada;
usa cores de menina
agora a rapaziada.

Se algum dos camponeses
passa do campo enfiado,
fingem que o não conhecem,
porque não vem preparado.

Até a chamar alguém
grande mania já há:
Dantes era: «O Maria»,
hoje já é: «Ma-ri-d».

Usam cabelo comprido,
fica a gente admirada,
andam sempre a ler romances,
coisas que não valem nada.

Este tempo é muito bom,
se assim continuar,
mas o plor é se a terra
o pão deixa de nos dar.

Cereais, ao mesmo preço,
as jornas, sempre a subir.
E assim o lavrador
tem mesmo que desistir.

O luxo é cada vez mais,
rico e pobre trajam bem.
Hoje a riqueza é o luxo,
mesmo sem haver vintém.

Cada um na sua classe,
pode andar bem arranjado.
Vai tudo atrás uns dos outros,
ninguém anda como é dado.

Eu não sei como o dinheiro
dá p'ra tanto (podem crer!)
Para serem elegantes,
até deixam de comer.

Há alguns que a pentear-se
pouco mais fazem ou nada.
Para pintar o cabelo,
deitam-lhe água oxigenada.

Não sabem o que hão-de usar,
pois a moda é variada.
Gastam o tempo a compor-se,
de resto, não fazem nada.

13/7/68

— por Maria Pinto

Estamos na vida moderna,
com o luxo e a vaidade.
Cada um na sua classe,
ninguém anda como é dado.

Já me lembra tanta coisa,
fico por vezes pensando:
hoje é tudo tão diferente,
até o tempo vai mudando.

Quando outrora ia ao baile,
a beleza era das chitas,
com a sala de xadrês,
todas pareciam bonitas.

Guardava-se o fato bom
para os dias festejados;
nos domingos, à janela,
esperavam-se os namorados.

Hoje vão correr as ruas,
à procura dos rapazes,
vão passear no jardim,
e de tudo são capazes.

Com treze e catorze anos,
começam nesta cegueira,
com o cabelo comprido,
nem vão à cabeleireira.

Com a saia tão curtinha
e corpo tão delicado,
fazem andar os rapazes
com sentido avariado.

Só aprendem a costura
e a fazer os ripados,
e outras gastam o tempo,
só a pintar os sapatos.

Muitas parecem rainhas,
imitam gente de bem,
muitas vezes, coitadinhas
dinheiro p'ra pão não têm.

Elas fazem o que querem,
e os pais não dão conselhos,
mas usam a mini-saia
muito acima dos joelhos.

Nem brincos querem usar,
dizem que assim é mais fino.
Onde irá isto parar?
Já tudo perdeu o tino.

Noutro tempo ia-se ao baile,
ia tudo aviadinho.
Agora entram e saem,
a comprar rebuçadinho.

Se isto não se mudar,
não sei que se passará.
A vida está duma forma,
ninguém sabe o que será.

Ninguém pensa em trabalhar,
ao campo ninguém quer ir,
assim, o proprietário
tem mesmo que desistir.

As jornas são elevadas,
não trabalham como é dado,
o fruto também dá pouco,
anda tudo atrapalhado.

Hoje é pobre quem é rico
e rico quem não tem nada,
ganha bem, faz o que quer,
sem ter vida amargurada.

Hoje, o pobre traja bem,
melhor que rico morgado,
porque faz só o que quer
e ganha bom ordenado.

Mas há muitos pobrezinhos,
que não ganham p'ra comer.
Onde irá isto parar?
Não sei que vai suceder.

Tudo que é bom se acaba,
já tenho ouvido dizer.
Só Deus que está lá em cima
é que nos pode valer.

Este tempo é muito bom,
se assim continuar,
mas não há trabalhadores,
para os campos cultivar.

24/5/69

por Maria Pinto

Ó Nisa, tão pobre estás!
Cada vez mais pobrezinha.
Já ninguém te desenvolve,
cada vez mais antiquinha.

Não te deixam progredir,
a vez com menos vida,
nunca começam as obras
dentro da nossa avenida,

Tu precisas duma indústria,
para haver empregados.
Por isso todos te deixam,
que tu não dás ordenados.

Já não se pode viver,
tudo é preciso pagar.
Já ninguém percebe nada,
não se sabe como andar.

Até nas feiras se queixam
os seus pobres barraqueiros,
as vendas são muito poucas,
já não dá para os terreiros.

As indústrias não as há.
E bem podiam haver.
Em terrinhas mais pequenas,
deixam fábricas fazer.

Anda o povo aborrecido,
não se ganha mais dinheiro.
Por isso são obrigados
a abalar p'ro Estrangeiro.

1/3/70

por Maria Pinto

Vai a Quaresma acabada,
já é Domingo de Ramos.
Dizem que nesta semana
temos de lavar os lares.

Já vem a Semana Santa;
temos Cristo que adorar,
assistir às cerimónias,
para nossa alma salvar.

Jesus sofreu por nós todos,
pregaram-no num madeiro,
p'ra nós salvar do pecado;
Deus é bom e verdadeiro.

Resuscitou nosso Deus,
a ensinar a Doutrina.
E' amar-nos uns aos outros,
é esta a Lei Divina.

Está a Páscoa a chegar.
Boas-festas para todos,
saúde e felicidades,
para comerem os bolos.

A Páscoa traz alegria
a todos os namorados;
é festa em todo o mundo
p'ra solteiros e casados.

A Páscoa deve trazer
o amor e o carinho,
p'ra que toda a mocidade
peça o bolo ao padrinho.

A Páscoa traz alegria
a todos os doentinhos.
Que tenham bom apetite.
Comam bem os borreguinhas.

A Páscoa traz os que podem
as famílias visitar.
Ai, tristes dos que não podem
vir o seu lar abraçar.

Boas-festas para todos
que lerem este Jornal;
e aos soldados alma forte
p'ra defender Portugal. 18/3/67

por Maria Pinto

Os nossos caminhos velhos
ninguém os sabe arranjar.
A água levou a terra,
não se pode lá passar.

Há valas em todo o lado
e ninguém as vai tapar.
Se fosse alguma estrada,
já tinham ido arranjar.

Os que dão lucros à terra
é quem anda nos caminhos,
às vezes deixam de andar,
têm de ir aos saltinhos.

Até os carros de bois
têm de ir com atenção,
pois quando mal se descuidam,
ficam caídos no chão.

E nos sítios onde há valas
quase ninguém passar pode.
Quantas vezes os que guiam
gritam: «Ai, quem me acode!»

E para as pobres mulheres
é pior complicação.
para o campo se transportar,
só se for de avião.

Até os pobres pastores
que andam por esses caminhos,
muitas vezes p'ra passar
têm de pôr cascalhinhas.

Isto assim não está bem,
é mesmo um triste sudário.
Arranjem estes caminhos
mas acudam ao Calvário.

Num sítio muito central,
a capela escangalhada!
A Praça do Muni. Ipio
é que está bem arranjada

Todo o mundo anda às avessas,
já ninguém se compadece.
Não sei de quem é a culpa.
Deus paga a quem o merece. 4/4/70

por Maria Pinto

Sexta-feira, meus senhores,
já é o fim da semana;
alegria p'ra o soldado,
vem adorar quem o ama.

Todos vêm muito alegres,
a recolher a seus ninhos.
Só Deus sabe muitas vezes,
o que passam nos caminhos.

Se passa alguma boleia,
pedem logo um lugar.
E' como quem pede esmola
que muitos não querem dar.

Sempre andando muito tristes
à espera de outro vir,
outra vez pedem boleia,
mas todos vão a fugir.

Mas sempre lá vão andando,
sempre levantando a mão,
até que às vezes lá passa
alguém de bom coração.

Deus guia sempre ao bem
quem tiver bom coração.
E' muito triste pedir
e a gente levar pedão.

A quem praticar o bem,
que Deus o traga ajudado,
que hoje em dia tudo tem
na família algum soldado.

Isto para as mães é triste,
sempre o mal estão a pensar,
desertas que chegue a hora
de seus filhos abraçar

Vão gosando o que puderem,
té à hora de partir,
pois têm de aproveitar,
enquanto puderem vir.

Quando é hora de partir,
dá-me pena, é coisa séria;
e fico sempre a pensar
se ele apanhará boleia.

Às vezes de madrugada,
lá estão ao pé do teatro.
Está a chegar a hora;
às vezes são três e quatro.

Passam muitos a correr,
nos carros, bem instalados.
Até fazem que não vêm
fazerem alto os soldados.

Que faça boa viagem
o que o bein praticar;
não neguem uma boleia,
que Deus os há-de ajudar.

Todos nós somos iguais;
e nesta vida então
todos têm o dever
de defender a Nação.

Quantos há por esse mundo
a quem dão pão para a vida,
todos tenham felicidade,
depois da missão cumprida.

Só Deus marcou o destino
a cada um que nasceu;
todos temos de seguir
o destino que Deus deu.

Senhora da Conceição
de beleza sem igual,
leva e trazei com bem
soldados de Portugal

Também o «Correio de Nisa»
mais um ano vai fazer;
Senhora, dai muita sorte
a quem o costuma ler.

Dia da muito Adorada
Senhora da Conceição,
quando os filhos dão às mães
a prenda do coração

Senhora da Conceição,
toda cercada de anjinhos,
deparai boa viagem
a quem vai pelos caminhos.

Senhora da Conceição,
toda cercada de luz,
guiai-nos por caridade,
Nosso Portugal conduz

Ao Natal vamos chegando,
Senhora da Conceição;
com calma, saúde e fé,
nostros soldados lá vão.

23/12/67

por Maria Pinto

Fui ao baile, para ver
aqueles lindos bailados.
Já não há saias rodadas,
e nem há lenços bordados.

Há só vestidos modernos,
feitos à boca de sino.
Aqueles corpos singelos
parece fugir-lhes o tino.

Outras com vestido justo,
ao corpo bem sujeitinho,
com o cabelo estendido,
atado com um lacinho.

Outras andam arrufadas,
com o cabelo no ar.
Penteadas à moderna,
não sabem o que hão-de usar.

E os rapazes também
já pouco vão ao barbeiro,
deixam crescer o cabelo
para não gastar dinheiro.

E usam grandes patarras
e calça muito justinha;
parecem meninos-bem
quando vestem gabardina.

Levam malas para o baile,
com dinheiro e de comer;
depois vão às laranjadas.
Isto tem muito que ver.

Os antigos não comiam;
iam só para dançar.
Agora comem e bebem
e andam a passear.

Lá andam, sempre dançando
aquela dança moderna;
cada um com o seu modo,
fazem mudanças com a perna.

Hoje o modo de dançar
é já quase como à francesa.
Os velhos hoje é que estranham
os bailes à portuguesa.

Dantes, dançavam de longe,
com medo de se abraçar;
andava tudo atrazado,
mas não davam que falar.

Noutro tempo as raparigas
não sabiam passear;
encostavam-se à janela,
vendo os rapazes passar.

Agora vão aos Cafés
fumar cigarros também,
e comem do que apetece,
porque tudo tem vintem.

Há tantos pais, coitadinhos,
nos campos afadigados,
e os filhos até parecem
que são filhos de fidalgos.

E as mães andam, coitadas,
pelas filhas arrastadas,
e depois de as casarem]
têm de ser suas criadas.

Esta o faz ali ao lado
do Benfica ao toucador,
já lá tem o lugar certo.
p'ra cantar versos de amor.

Divirtam-se, raparigas,
enquanto tenham vontade,
que mais tarde hão-de lembrar
essa vossa mocidade.

Poz-se tudo a namorar,
ao ver dançar as casadas.
Que será delas um dia?
Melhor é estarem caladas.

Noutro tempo ia-se ao baile,
era só para dançar,
agora comem e bebem,
andam sempre água a buscar.

Acabava o Carnaval,
vinha a Quaresma a passar.
Segunda-feira de Passos,
tudo se ia confessar.

Era logo de manhã
que tudo se confessava,
até se pedia a benção
à família que passava.

Vinha o dia de Passos,
tudo de preto vestia;
tinha-se fé verdadeira,
Padre Nosso, Ave Maria.

Hoje veste-se qualquer cor,
tudo está muito mudado.
Há tantos que não se tembram
de Jesus Crucificado

Mas mesmo assim, finalmente,
que Jesus guie os soldados;
que vão e voltem em bem,
a abraçar os pais amados. 30/3/68

por Maria Pinto

Tudo abala para fora.
No que virá isto a dar?
O mundo está perdido,
Aonde iremos parar?

Todos têm a ambição
de chegarem à nobreza.
Mas isto não pode ser,
sempre tem de haver pobreza.

Embora se passe a vida
melhor do que noutro tempo,
hoje tudo se mudou,
tudo abala como o vento.

A azeitona está chegada,
é tempo de se colher;
mas homens, cada vez menos,
nem sei o que isto vai ser.

A agricultura não dá,
tudo tem o preço antigo,
as jornas são à moderna;
este tempo vai bonito!

Hoje, aquele que mais tem
vive mais afadigado;
vale mais não se ter nada,
ou ter um bom ordenado.

Nenhuma vida está boa,
tudo se houve a queixar;
cada um na sua classe
tem mesmo de trabalhar.

Criadas para servir
são difíceis de encontrar;
é preciso que as patroas
bem as saibam estimar.

Hoje, tudo anda à moda,
já tudo sabe o que é bom;
nem há lenços de cabeça,
só já usam o «chifon».

Há fatos de toda a cor;
eu a isto acho pida.
Agora, até os rapazes
usam calça variada.

Encarnada, azul e branca,
p'ra camisa serve tudo.
Agora durante o ano,
nunca se acaba o entrudo.

As raparigas também
trajam da mesma maneira;
e até já os rapazes
vão para a cabeleireira.

As senhoras usam calças,
cada um faz o que quer;
às vezes já não conheço
se é homem, se é mulher.

Já deixaram de usar brincos,
só já querem fantasias.
Algumas, com tanta moda,
lão-de ficar para tias.

Cada um no seu lugar,
nem tudo nos fica bem.
Há muita gente que perde,
com a vaidade que tem.

Muitas que vão para fóra
vêm cheias de presunção;
côitadas, muitas não sabem
qual é a direita mão.

Quem não vale hoje é que ganha,
fazem pouco e ganham bem,
pedem dinheiro até qu rer,
e tudo lhes fica bem.

São obrigados a dar-lhes,
na falta de os não haver;
e, com a falta que há,
eles sabem-se valer.

Este mundo está composto
com o luxo e a tolice;
já me lembra muita coisa,
vou andando p'ra velhice.

A vida está duma forma
que nem se pode contar,
hoje até já as mulheres
vão para a França, a saltar.

Vão casadas e solteiras,
em riscos de padecer;
muito me dá que pensar
o que pode acontecer.

Tudo isto faz o luxo.
A vaidade é demais.
O que pode suceder,
longe do olhar dos pais?

O tempo antigo passou,
a vida assim lá vai boa;
há muitos que até já
compram prédios em Lisboa.

Eu tenho na minha ideia
— espero não me enganar —
que andam a arranjar baile,
para todos ir dançar.

18/11/67

por Maria Pinto

Canta-se uma cantiga,
não custa o dia a passar.
Às vezes deixam a roupa
e vão-se pôr a dançar.

Ó boa Fonte do Freixo,
para nós és logradouro.
Bate, bate, lavadeira
a roupa no lavadouro.

Tanta gente a esta fonte
agora vai lá beber.
Deita fama a tua água,
todos a querem trazer.

Eu não sei se é verdade
o valor que a água tem.
Quem beber continuado
começa a sentir-se bem.

Bela fonte, não sabia
que tinhas tal valimento,
Deus queira que a tua água
cure todo o sofrimento.

Vá tudo à Fonte do Freixo
encher o seu garraão;
e bebam uma pinguinha,
à hora da refeição.

15/10/66

A velha Rua Direita

Por Mario Pinto

Adeus, rua da alegria;
adeus, oh! rua Direita,
tens a pedra estragadinha,
tens a calçada malfeita.

Tens gente bem divertida,
gente de boa vontade,
tens um rancho muito lindo
que é uma pura beldade.

É só Rodrigues Correia
à rua da alegria;
se ele nunca cá viesse,
nunca o Rancho se fazia.

Tem fama o Rancho de Nisa
e não mais há-de acabar;
é um bem da nossa terra;
P'ra frente! Toca a marchar!

Namorem, mas vão ao Rancho,
que o tempo p'ra tudo chega.
É tão lindo o vosso traje,
à antiga portuguesa!

Então, o Rancho Infantil
bem nos faz admirar,
com suas modas tão lindas
que todos sabem dançar.

As suas danças tão lindas
dá gosto vê-las dançar.
Isto honra o vosso Mestre,
isto não pode acabar.

Rua direita tão bela,
tu vás direitinha à Praça,
onde protege o Asilo
Nossa Senhora da Graça

Ali passa muita gente;
o Asilo vai visitar.
também passam pobrezinhos,
quando lá vão almoçar.

Ó linda rua, tens tudo;
não te falta mesmo nada,
também lá tens bons cultores
do fado e da guitarrada.

Acima de tudo isto,
tens a presença de Cristo,
tens a Igreja Matriz
onde Jesus vos bem diz,
Onde está Nosso Senhor
que morreu por nosso amor.

4/9/65

por Maria Pinto

Linda Rua do Outeiro,
ondé vemos fãnta esquina,
tens muito que apreciar,
desde baixo até acima.

Lá tens uma linda Igreja,
à do Espírito Santo;
Casa de Nosso Senhor,
esta Igreja é um encanto.

Lá tens um lindo jardim,
dois bancos de cantaria
que esperam quem vai e vem,
com tristeza e alegria.

E tens arvores bem lindas,
à modo de esplanada;
no Outeiro, tudo brilha
mesmo as pedras da calçada.

Tens uma Mestre também
que cusina a trabalhar,
tudo em bela perfeição,
costura, malhas, bordar.

Tens prédios de alta classe
e outras casas mais pobres,
mas todos ali se estimam,
sejam do povo ou dos nobres.

Também tens um bom Café,
para todo o paladar,
que está de manhã à noite
o freguês a esperar.

Param lá canifonetas,
todo o dia, num vai-vem;
muita gente parte e volta,
o Outeiro tudo tem.

Vem gente de toda a classe,
vem alegria e tristeza;
esta rua tudo vai,
pois tem graça e firmeza.

Quando à hora da chegada,
muita gente vai esperar,
para verem os que vão
e os que estão a chegar.

Em tempos, tinhas um forno,
onde se cozia o pão,
mas já acabou há anos;
e é hoje uma Pensão.

Tens uma loja antiga,
já mais velha do que eu;
onde tanta coisa boa
se comprou e se vendeu.

Lá tens uma padaria,
com bom pão para comer;
também tens a mercearia
com muita coisa a vender.

Também tens um armazem
que compra milho e feijão;
vende lá boa hortaliça
fornece azeite à Nação.

Tem ainda uma outra casa,
que p'ra homens vende artigos,
para todas as idades,
em modelos bem bonitos.

Tens um comércio de classe
com tudo que se procura;
tudo agrada e tem bom gosto,
lindas montras de ventura.

Com agrado, ali recebem
toda a grande freguesia,
tratam bem os que lá vão,
com a maior cortezia.

Lá tem os seus empregados,
que aviam com atenção;
«Diga lá, senhor freguês,
que nos vai comprar, então?»

Tens uma Papelaria,
numa casa antiquinha;
ali nada mete vista,
porque a casa é pequeninha.

Mas em breve esteceará
nova casa (que alegria);
Deus queira que em boa hora
se abra a Papelaria.

Irá ficar bem bonita,
e lindas montras vai ter.
Esta rua do Outeiro
mais terá ainda que ver.

Linda rua do Outeiro,
no seu Largo vai parar;
quem passa nesta rua,
tem muito que apreciar.

Linda rua do Outeiro,
onde passa a mocidade;
Outeiro dos paralelos,
és bonita de verdade!

21/10/67

per Maria Pinto

Já não há festas em Nisa,
como havia noutro tempo.
Hoje, apenas copos-de-água,
p'ra quem vai ao casamento.

Fazem o «quintal da festa»,
só para quem vai comer.
P'ra quem sabe apreciar,
isto tem muito que ver.

Só os que vão é quem come,
quem não vai não come nada.
Mas isto assim é pior,
é vida desgovernada.

Gente que nunca se viu
de sua casa sair,
quando é hora de comida,
começa logo a acudir.

Tudo leva uma raposa
e a bacia p'ra comer.
Chegam lá, comem do prato
e vão a bacia encher.

Depois, vêm para casa,
com a bacia aviada;
escondida na raposa,
fingem que não trazem nada.

Dizem para o cozinheiro:
«avie lá este tachinho».
Fingem que é p'ra comer lá,
e trazem-no arrecadadinho.

Vão também ao copo-de-água,
só p'ra comer e beber.
Alguns atiram-se ao queijo;
isto tem muito que ver.

Outros, já bem comidos,
com a barriga quentinha,
ainda se vão atirar
às perninhas de galinha.

Trazem bolos na blusa,
outras até na sombrinha,
dizendo que nada comem,
nem bebem uma pinguinha.

Tudo chegava e sobrava,
se houvesse orientação.
Há os que não comem nada,
e outros até mais não.

E, depois de já bem cheios,
dizem «eu não comi nada».
E vão sempre ao quintal
comer a sopa pelada.

Depois, todos satisfeitos,
vão comer «afogadinho».
E dizem ao cozinheiro:
«Delte-nos mais um caldinho».

Vêm embora p'ra casa,
com a barriga aviada.
E ainda vão ao baile
fazer uma bailarada.

Dantes, davam um presente
a todos que eram da festa,
mas hoje tudo acabou,
não há vida como esta.

Há alguns que nem lá vão,
nada chegam a comer.
Assim dão uns para os outros,
só a quem comparecer.

Gente que nunca se viu
nestas festas comparecer,
hoje já se apresentam,
só à hora de comer.

Trabalho p'ro cozinheiro
que o comer vai dividir.
E há muitos que depois
começam a discutir.

Há muitos que ainda comem
mais do que aquilo que dão.
Sabem-se aproveitar,
por aqueles que não vão.

8/12/08

por Maria Pinto

Está a Páscoa na mão,
Boas Festas, meus senhores,
Com saúde e alegria
para comerem os bolos.
Há festa por todo o lado,
benvindo seja este dia.

Ó Páscoa és tão linda;
e por todos és lembrada.
Eu por mim também me lembro,
e tenho muito que andar.
Este dia dá p'ra tudo,
uns a rir, uns a chorar.

Tudo faz por se juntar,
só quem não pode não vem,
uns doentes, outros longe
que não podem vir também,
todos têm suas vidas,
uns por mal, outros por bem.

Cada um para o que nasce,
tudo isto é o destino,
pois assim ouço dizer:
a sorte de cada um,
o bem, o mal — é de crer —
nasce logo de menino.

Ó Páscoa, és tão alegre,
fazes grande movimento!
Há muitos à tua espera
p'ra fazer o casamento,
és por todos festejada,
tens um grande valimento.

Ó Páscoa, és dia tão belo,
dos grandes e pequeninos.
p'ra vestir o fato novo
e comer os borreguinhos!
Até vão os afilhados
pedir o bolo aos padrinhos.

Toda a gente é comilona,
belos bolos vem comer.
Tudo tem em sua casa,
p'ra às visitas oferecer.
Boas Festas para todos,
costumam assim dizer.

Eu tenho de ir ao campo,
p'ra comer o borreguinho,
tenho bolos p'ra levar
e boa pinga de vinho.
É dia da linda Páscoa,
vamos ver o pastorinho.

Fazemos ali a festa:
primeiro o «sarapaté»,
«afogado» em bofa molhinho,
cantando o la-ri-ló-lé,
vai-se bebendo um copinho,
bailando e batendo o pé.

Depois da festa acabada,
de ter comido e bebido,
vou À Senhora da Graça,
sempre a fazer um pedido,
acudir aos doentinhos
escutar nossô gemido.

Nossa Senhora da Graça,
lá A vamos adorar.
Vem gente de muito longe,
à sua ermida rezar.
Até gente de Lisboa
cá A vem visitar.

Rezamos todos de pé
Pai Nosso, Ave Maria.
Nossa Senhora da Graça
será sempre nossa guia;
Dai-nos paz, por caridade,
bendito seja o teu dia.

13/4/68

por Maria Pinto

Começou o mês de Maio,
com frio, chuva e aguaceiro;
já atraza as sementeiras,
parece o mês de Fevereiro.

Mês de Maio, atrazas tudo
com o tempo tão ruim,
só para a erva está bom,
vê se trazes melhor fim.

Já se vai chegando a época
das searas ir ceifar,
vêm ratinhos da Beira
centiozinho a ganhar.

Este ano há muita palha,
não se sabe se há bom grão,
já há por aí quem diga
que é ano de corrilhão.

O Maio da Santa Cruz
vai por a cruz na seara,
queira Deus que haja bom fruto,
muitos moios na trigada.

É dia de muitas flores
e de bonitas verduras,
o dia que todos vão
rezar junto às sepulturas.

Em Maio há Mês de Maria
com anjinhos a cantar,
ofercem suas flores,
vão levá-las ao altar.

Com sacrifícios, também
a Fátima vão rezar,
vão a pé muitas alminhas
à Covã de Iria orar.

Uns, em caso de doença,
uns, porque vão combater,
e outros andam no mundo,
sempre, sempre a padecer.

Tens um grande valimento,
mês de Maio, mês da flor,
até tens o malmequer,
que só nos fala de amor.

No dia treze de Maio,
brilha a flor dos romaninhos,
apareceu Nossa Senhora
lá no campo aos pastorinhos.

Muito Nossa Santa Virgem,
Ó Mãe de Todo o Poder,
dai saúde aos doentinhos
e luz ao cego, p'ra ver.

Todos te adoram, Mãe Santa,
com sincera elevação,
vem gente de muito longe
pedir paz para a Nação.

Mês de Maio, és tão lindo,
deitas flor em todo o lado,
fazem ninho os passarinhos,
és de todos muito amado.

Manda-nos já o bom tempo,
p'ras sementeiras fazer.
Há já milho arreganhado,
Manda sol, para crescer.

E vem também Santo Isidro
abençoar as colheitas.
Apanham pão os tractores,
vêm-se poucas carretas.

Santo Isidro na Espanha
foi lavrador afamado,
agora, em Portugal
já arrumou o arado.

Santo Isidro, a sua festa,
já está quase a chegar;
a lavoura já dá pouco,
a Festa vai acabar.

Os que têm vidas de campo
é quem vive amargurado,
fartam-se de trabalhar
e não têm ordenado.

Ó meu lindo mês de Maio,
já te não digo mais nada,
manda-me já o bom tempo,
para ir p'ra milharada.

O mês de Maio amoroso
toda a gente assim o tem;
perguntei ao malmequer
se me queria mal ou bem

Guarda lenha para Abril,
para Maio o velho pão,
é podes guardar um tiço
para o mês de São João. 11/5/68

Vinte cinco de Novembro
— e a vinte e seis foi contado —
(que desgraça, que pavor!)
tantas almas se perderam.
Era a água, o lamaceiro,
que a todos causou horror.

Começou água a cair,
logo ao princípio do serão.
A cheia tudo tomou,
em muitas casas entrando.
Até deitados na cama
a água a vida levou.

Foram horas de terror
e até a luz faltou.
Nada puderam fazer.
Às escuras, coitadinhos,
muitos ficaram sem vida,
nem luz tinham para ver.

Criancinhas que abalaram
não as tornaram a ver,
eram o amor de seus pais.
Este dia nunca esquece.
Até corta o coração.
Não os viram nunca mais.

Tanta gente desgraçada,
horas tristes, de amargura,
a quem sofreu tal tormento;
sem terem tempo de nada
afritos com tanta água,
acompanhada de vento.

Sem luz, estes infelizes,
no cabo da sua vida;
com a alma triste, escura
era grande a sua dor,
são desgostos bem profundos,
são horas de amargura.

Até no cimo das águas,
num colchãozinho de praia,
andava uma criancinha.
Apanharam-na os bombeiros,
ainda lhe deram vida,
sem pai nem mãe — coitadinha!

Outros foram encontrados
já com a vida perdida,
enlameadas — que dor!
e os pais da mesma forma.
Horas bem amarguradas;
perderam todo o amor.

Quintas foram destruídas,
sem ninguém para viver.
Era um monte pequenino.
Sem tal coisa se esperar!
Isto até parece um sonho,
foram coisas do destino.

Odivelas também foi
das que sofreu grande dor.
A morte a muitos levou.
Houve quem endoidecesse.
Foi uma grande aflição
que a vida a muitos tirou.

À Cova da Piedade
também a cheia chegou.
Tanta água! Oh meu Deus,
tende de nós compaixão,
que nunca ninguém se lembra
caírem nuvens dos céus.

Muitas terras de hortaliça
tudo a água levou.
Na Praça vão estranhar,
tanta coisa que abalou,
tanta gentinha a sofrer
porque ficaram sem lar.

Esta noite de Novembro
que nos fica na lembrança,
neste nosso Portugal,
foi uma noite bem triste
de cortar o coração,
foi uma noite infernal.

Há tristes pais a chorar,
sem saberein de seus filhos
e muitas filhas também.
A chorar do mesmo modo,
inda houve almas bondosas
que os recolheram por bem.

Em Lisboa e arredores,
faz tudo a gente pamar.
A água tudo levou,
automóveis e motores,
mesmo a linha do comboio
por alguns dias parou.

Cavalos de grande luxo
e de grande rendimento,
guardados nos seus locais,
cavalos de nomeça.
Seus donos muito sofreram
vendo em morte seus ideais.

Tantos móveis abalaram,
tanta roupa, nova e velha,
ficaram só com o corpo,
isto é dor, isto é palção.
De vez em quando lá vinham
ver mais um parente morto.

Muita alma socorreu
toda esta pobre gente
que tormentos sofreu já.
Hoje uns, amanhã outros,
todos estamos sujeitos
àquilo que Deus nos dá.

Deus queira que estas alminhas
estejam em bom lugar,
no Céu da Eterna Luz.
Depois de morte horrorosa,
perdoai-lhe seus pecados,
Santo Nome de Jesus.

Eis o que ouvi dizer,
os jornais nunca li,
pois não os pude encontrar,
todos logo se esgotaram.
Podem dizer: «Não está bem»,
mas foi o que ouvi contar. 2/3/68

per Maria Pinto

Chegou o mês do Natal,
já o frio chegou também,
nasceu o menino Jesus
que só nos destina bem.

Nasceu numa mangedeoura
este bom menino Deus.
Há alegria na Terra,
brilham estrelas nos céus.

A Sua Mãe, Sempre Virgem,
é Mãe de Todo o Poder,
e adora o seu Menino;
todos correm para o ver.

Vão no ver os pastorinhos,
um Menino tão aceite,
e levam para lhe dar
um canadinho de leite.

Correm todos catifeitos,
corre mundo a Sua fama;
e até lá se juntaram
um preto e uma cigana.

Com o irio e caramelo
veio o Menino nascer,
mas a vaca bafejou,
para o Menino aquecer.

Tudo adorava o Menino,
nem a mula resmungava.
Nesse dia, em todo o Mundo,
Ele tudo abençoava.

Tudo alegre neste dia,
faz-se lume na lareira;
até o azeite estala,
lá dentro da frigideira.

Bom molho, bons assados,
as filhós, as azevias;
Oh! Meu Menino Jesus,
e jai nos todos os dias.

Aos que estão no Ultramar
livrai-os sempre do perigo.
que voitem todos em bem.
Bom Jesus é vosso amigo.

Consolai os doentinhos,
dai-lhe saúde e amor;
Oh! Menino Jesus
aliviai-os na dor.

Aos que andam abandonados
por esse mundo além,
guiai-os, por caridade,
para o caminho do Bem.

Todos lembram este dia,
em que nasce o Deus Menino;
uns com mal, outros com bem,
cada um tem seu destino

Oh! Meu Menino Jesus,
Filho da Virgem Maria;
os anjos sobem ao Céu,
anunciando este dia.

Oh! Meu Menino Jesus,
sobre palhinhas deitado,
em boa hora nasceste,
de todos és adorado.

Cantam pastores e reis,
adorando o Bom Jesus.
Já nasceu o nosso Deus,
velo ao Mundo dar a luz.

Cantava a rapaziada
noutros tempos (que alegria!)
batiam de porta em porta,
a saudar este dia.

Ofereciam-lhes filhós
e boa pinga de vinho.
Abençoado Jesus,
nas palhinhas deitado.

Onde havia de nascer,
deitado nessas palhinhas!
Oh! Meu Menino Jesus,
guardai-nos as ovelhinhas.

Oh! Meu Menino tão belo,
meu raminho de flores,
vens abençoar também
a seara aos lavradores.

Boas festas e bons anos
a todos, com alegria
Já nasceu o Deus Menino,
Filho da Virgem Maria.

Oh! Meu Menino Jesus,
não vos peço nada mais,
dai saúde aos pobrezinhos
e aos donos dos olivais.

Ano Novo, já lá vens,
seja em bem tua chegada.
Nosso Menino Jesus
alegra a rapaziada.

Oh! Meu Menino Jesus,
minha boquinha de riso.
A mocidade de agora
é que tem pouco juízo

Ano Novo e o Natal
por todos são desejados.
Pelo Menino Jesus
todos são abençoados.

21/12/68

por Maria Pinto

Numa pobre manjedoura
nasce o Menino Jesus.
Filho de Virgem Maria,
veio ao Mundo dar a luz.

A Virgem o adorava,
com prazer e alegria.
Nasce o Redentor do Mundo
aos pés da Virgem Maria.

Fica a Virgem sempre virgem,
a Mãe de Todo o Poder.
São José a acompanhá-la
e o Deus Menino a nascer.

Brilham no céu as estrelas
ao nascer o Deus Menino.
Todos iam adorar
o bom Deus tão pequenino.

Ovelhinhas e pastores
nosso Deus vão adorar;
a mula impaciente
o que faz é resmungar.

A vaquinha bafejava,
aquecendo o nosso Deus.
Já nasceu o Deus Menino,
Rei da Terra e Rei dos Céus.

Vêm logo os pastorinhos,
com leite, mirra e incenso,
ofrecê-los ao Menino,
que tem um Poder imenso.

Vêm os reis adorar
Nosso Menino Jesus.
Ele é o nosso Bem,
nosso guia e nossa Luz.

Este dia do Natal
é um dia de alegria,
é por todos festejado,
benvindo seja este dia.

Ó meu Menino Jesus,
de beleza sem igual,
este teu dia é ventura
neste nosso Portugal.

Há jantares melhorados,
tudo faz por comer bem,
pois nasceu o Redentor
num cantinho de Belém.

Há assados com bons molhos,
há filhós, há azevias.
Este dia de Natal
a todos traz alegrias.

Toca à missa; é meia-noite,
começa o galo a cantar;
já nasceu o Deus Menino,
nasceu para nos salvar.

Ó meu Menino Jesus,
meu Menino delicado!
Dêem-lhe um vestidinho
no dia do baptisado.

Assim diziam os antigos:
— Traca-traca, esmola ao sacco;
quem não quizer dar vintém
que nos dê mesmo um pataco.

24/12/66

por Maria Pinto

DESCANTE

Carlota, já te casaste;
parabens te venho dar.
Tenho fé que teu marido
sempre te há-de estimar.

Carlota, o teu marido
sempre te viu com amor,
vai correndo p'ra seis anos
que conhece a tua dor.

Tomou-te amor verdadeiro
dentro do seu coração;
e no dia 10 de Junho
recebeu a tua mão.

Os teus pais, com benefícios,
sempre Deus os ajudou,
por isso nunca te esqueças
de quem assim te criou.

Estás no teu casamento,
estás no teu grande dia,
Deus te guie até ao fim,
com saúde e alegria.

O teu vestido de noiva
e branquinho como a prata;
já puseste a mão na cruz,
só por morte se desata.

Teu pai levou-te à Igreja,
com muito gosto e prazer;
esta vida de casados
só Deus sabe o que há-de ser.

Safste de lá casada,
de mão dada ao teu marido,
estimo que tenham sorte,
um do outro muito querido.

Tanta gente te foi ver,
todos te desejam bem;
não te esqueças de teus pais,
pois não têm mais ninguém.

Tiraste a fotografia
com gente que te estimava.
O teu marido é padrinhos
e mais quem te acompanhava.

És professora primária,
é a tua colocação;
teu marido foi p'ra longe,
mas fica em teu coração.

Este dia tudo dá,
a tristeza e alegria;
vai-se embora a mocidade
e já não volta este dia.

Com calma, tudo se faz;
não te ponhas a pensar,
vamos comendo e bebendo,
até o tempo passar.

Ó Júlio, já te casaste,
accita os meus parabens;
Deus te dê saúde e sorte
e gozes tudo que tens.

Deus te dê o que desejas,
no teu lar felicidade,
tu hoje já tens mulher,
amem-se com lealdade.

Já há muito que se amam,
com amor puro e ardente,
Que Deus os acompanhe
sempre, sempre, eternamente.

Já deixaste os teus pais,
tua falta vão sentir;
e, coitados, têm pena
de íres para longe partir.

Deixas cá tua mulher
a pensar e a sofrer.
É dever que todos têm
ir a Pátria defender.

Já és um bom enfermeiro,
é a tua profissão.
Vais p'ra longe, não faz mal,
cá ficas num coração.

Embora sejas casado,
lembra sempre os teus paizinhos,
o bem-querer chega a todos,
o amor e os carinhos.

Na Igreja recebeste
a tua mulher querida.
muita sorte vos desejo
e vida muito comprida.

Os teus pais pedem a Deus
boa sorte p'ra te dar.
todos temos de seguir
destino que Deus mandar.

Vais-te embora para longe,
tudo te fica a lembrar;
é pena tua mulher
não a poderes levar.

Deus te leve e te traga
com saúde e alegria.
Nossa Senhora da Graça
será sempre sua guia.

Viva o noivo mais a noiva,
as madrinhas e padrinhos;
e muita saúde aos pais.
p'ra oustar os filhinhos.

Bebam-lhe mais um copinho,
a festa vai acabar;
p'ra festa ficar bem feita,
temos todos que ir dançar.

3/7/67

DESCANTE

por Maria Pinto

Adeus Maria Fernanda
parabens te venho dar.
Deus queira que teu marido
sempre te saiba estimar.

Fernanda, hoje já és noiva,
já chegou hoje o teu dia.
Deus queira que no teu lar
sempre se encontre alegria.

O teu vestido de noiva,
tão brânquinho como prata!
Já puseste a mão em cruz,
só por morte se desata.

Fernanda, o teu marido
dizem que é boa pessoa.
Leva-te de aqui p'ra fóra,
vão viver para Lisboa.

Cá deixas os teus paizinhos,
a estranhar a companhia,
vais nova vida tomar,
Deus te dê sempre alegria.

Tens sido boa menina,
com boa disposição;
António é teu marido,
já lhe deste a tua mão.

Tanta gente a acompanhar-te,
a comer com apetite,
tudo alegre e satisfeito,
isto assim é que é bonito.

Adeus António Vicente,
Deus te dê felicidade;
Fernanda é tua mulher,
ama-te com lealdade.

António, repara bem
no que te estou a dizer,
faz um lindo casamento,
estima a tua mulher.

António, estás no teu dia,
um dia tão desejado,
segue sempre bom caminho,
que já és homem casado.

António, já hoje é tua
a mulher que mais amavas;
vai correndo p'ra seis anos
que já tu a namoravas.

Deus queira que o bem-querer
aumente cada vez mais;
um casamento bonito
é alegria dos pais.

Tens uma casa tão linda,
com tanta coisa bonita,
Deus te dê saúde e sorte
e muitos anos de vida.

Vim aqui encomodar-vos,
desculpem esta maçada.
Se não quiserem dar vinho,
dêem uma cigarçada.

4/11/67

DESCANTE

por Maria Pinto

Joaquina, ias tão linda,
a caminho da Igreja!
Que Deus te dê boa-sorte,
é o que tudo deseja.

Joaquina, já casaste,
já hoje tens um marido.
Deus queira que sempre sejam
um do outro muito querido.

Joaquina, hoje já deixas
os teus queridos paizinhos.
Não lhes percas o amor,
pois só tens estes raminhos.

O bem-querer chega a todos,
e a boa disposição.
Já hoje tens um marido,
adora-o do coração.

É pena ele ir-se embora,
mas Deus o ajudará.
Cada um com seu destino,
só Deus sabe o que será.

Calma, saúde e amor,
enquanto o tempo não passa.
Guiá-o, trazei-o em bem,
Nossa Senhora da Graça.

Vivam os pais e padrinhos,
vivam todos que aqui estão.
A todos bom apetite
e boa disposição.

Joaquina, os meus parabens,
Deus te dê felicidade;
já hoje tens um marido
adora-o com lealdade.

Ama sempre os teus paizinhos,
toda a tua geração.
E' esta a maior glória
que entra no coração.

3 Saúde aos pais dos noivos,
vivam também os padrinhos.
3 Pela saúde de todos,
ii vou beber mais um copinho.

e O teu marido está longe,
há dois dias casadinhos.
Com bem, voltará um dia
p'ra estarem todos juntinhos.

Recebes boas notícias,
a dizer-te que estás bem.
Deus já toyé a sua cruz,
e por nós sofreu também.

Parabens, José Manuel
Deus te dê a boa-sorte,
e te proteja, por bem,
até à hora da morte.

Já deixastes os teus pais
já vais tomar nova vida.
E' pena ires-te embora,
p'ra longe da tua querida.

Custa a sofrer — eu bem sei —
F' uma profunda dor.
Só Deus te pode valer,
guia-te por seu Amor.

Vais cumprir tua missão,
longe dos teus ideais,
vais estranhar os carinhos,
os afagos de teus pais.

Tem calma e tem coragem,
põe em Deus o teu pensar,
tenhas sempre boa-sorte
nas terras do Ultramar.

Estás no teu casamento,
neste dia de alegria,
vai pensando em teu futuro,
Deus te guarde, noite e dia.

Deus por todos foi à Cruz,
abriu-nos os bons caminhos.
Que Deus dê muita saúde
a teus pais e teus padrinhos.

Este dia tudo lembra,
o presente e o passado.
Teu tio e prima estão longe,
mas deles te tens lembrado.

A vida agora é assim,
uns aqui, outros além.
Nossa Senhora da Graça
te acompanhe também.

Ora, adens e boa sorte,
foste homem de coragem.
Que vás e venhas em bem;
Adeus e boa-viagem.

Mas hoje é dia de festa,
já não vos dou mais maçada.
Bom apetite aos noivos,
fumem uma cigarrada.

Casado de cinco dias,
para longe embarcaste,
mas logo à primeira carta,
boas notícias mandaste. 22/11/67

por Maria Pinto

Adeus querido sobrinho.
Parabens e boa sorte!
Que Deus proteja o teu lar,
até à hora da morte.

Estima a tua mulher,
porque é este o teu dever.
Esta carta está fechada,
só Deus sabe o que ha-de ser.

Não te esqueças de teus pais,
recorda teus irmãozinhos;
estima-os do coração,
pois alguns são pequeninos.

Vieste arranjar mulher
à terra onde nasceste;
faz-me lembrar este dia
tudo que cá padeceste.

Deus te dê muita saúde,
e a Senhora da Esperança,
p'ra lebares a mulher
àquelas terras de França

O destino está marcado,
sobrinho do coração,
Deus queira que em boa hora
lhe desses a tua mão.

Deus vos dê felicidade,
— só desejo vosso bem —
estima a tua mulher
e teus palzinhos também.

Sobrinha e minha afilhada,
Deus vos dê felicidade,
queiram-se bem um ao outro
com amor e lealdade.

Deus queira que em boa hora
deixasses teus pais queridos,
pois o meu maior desejo
é serem todos amigos.

Estima bem os teus sogros
e teus cunhados também,
pois são eles que te adoram
e só te desejam bem.

O bem-querer chega a todos
de boa disposição.
Que Deus te dê boa sorte,
sobrinha do coração.

Alguem houve que afirmou
que tu nunca mais casavas,
mas, coitados, não sabiam
o amor que adoravas.

Boa-sorte vos desejo
e pazes para com todos.
A festa já se passou,
nós já comemos os bolos.

Adeus, que se vão embora,
para a França fazer vida.
Sobrinhos do coração,
vai custar-me a despedida.

Deus vos guie em bom caminho.
Eu por vocês peço a Deus
que vos dê saúde e graça.
Vão-se embora! Adeus, Adeus!

29/4/67

A. B. P. Per Maria Pinto

Adens, oh João Manuel;
tua vida como vai?
Quando tinhas onze anos,
logo ficaste sem pai.

Ficaste com tua mãe
e com tua irmãzinha.
Ali ficaram os três,
naquela humilde casinha.

Mas tiveste gente amiga,
de carinho e de bondade,
que muito bem conhecem
a tua infelicidade.

E tiveste um bom padrinho,
que conheceu tua dor;
assim que perdeste o pai
tomou por ti grande amor.

Já estimavam teu pai
e o amor ficou gravado;
a ti à tua irmã
sempre os têm estimado.

P'ra lá te trouxeram sempre,
até seres militar;
por isso nunca te esqueças
que tens de os estimar.

Foste p'ra Castelo Branco
fazer a recruta, então.
Tua mãe sempre dizia:
«Al filho do coração».

Seguiste pelo mar fora,
a cumprir o teu dever.
As vezes ela dizia:
«Meu João, sem escrever»!

Foste para o Ultramar
nossa Pátria defender.
E ela sempre dizia
que não te tornava a ver.

Não se esquecia de ti,
sempre triste, coitadinha,
sempre à espera que mandasses
de lá alguma cartinha.

Inda houve quem a fez
tirar a fotografia;
mas, coitada, muito triste,
nunca mais teve alegria.

Estava sempre ansiosa
por notícias saber;
sempre teve na ideia
que havia de morrer.

Sempre doente, coitada,
calculava a sua sorte;
de ti nunca se esqueceu,
até à hora da morte.

Logo ao fim de cinco meses
sua alma deu a Deus.
Acabou o sofrimento,
e foi viver para os céus.

À tua irmã, coitadinha,
sempre estimou com carinho,
mas nunca se esquecia
do seu querido filhinho.

Deu a sua alma a Deus,
em casa da tua irmã
mas levou-te embalado
dentro do seu coração.

Por isso, João Manuel
só cá tens esse raminho,
estima-o, que é teu dever,
dá-lhe todo o teu carinho.

Dentro em pouco, Deus o queira,
tu já deves regressar;
e ela está ansiosa
para te ir abraçar.

Vai ela, vai teu cunhado
esperar-te com alegria;
coitada, até parece
que não mais chega esse dia.

Voltares à tua terra
e não veres a mãe querida
deve dar-te pena e dor,
como foi à despedida.

Abraços de tua irmã,
de teu cunhado também
Sejam bons, uns com os outros
que não têm mais ninguém.

Dá-te pena, eu bem sei,
n'lo veres tua mãe querida;
lembra-te daquele abraço
que te deu à despedida.

Padre Nosso, Avé Maria,
por teus amados paizinhos.
Ainda tens quem te estime:
os teus queridos padrinhos.

5/8/67

por Maria Pinto

Pareces uma pombinha !
Bem vindo seja este dia !
Um casamento feliz
a todos dá alegria.

Peço a Deus o vosso bem,
de todo o meu coração.
Deus queira que em boa hora
entres para a geração.

Deus queira que o teu lar
seja um ninho de amor.
E' p'ra todos uma glória.
Guiai-vos Nosso Senhor !

Pareces uma pombinha,
a caminho da Igreja.
Deus vos dê sorte e graça !
E' o que tudo deseja.

Nesta casa de silêncio,
oraste com devoção.
Teu pai levou-te ao altar
com todo o seu coração.

Pedi a Deus para te dar
um bom futuro na vida.
Agora vai estranhar
a sua filhinha querida.

Agora já és do João,
já puseste a mão na Cruz.
Deus vos faça bem unidos
como a Virgem com Jesus.

Mas não esqueças teus pais,
ama-os sempre com carinho.
Sejamos todos leais
e todos sempre amiguinhos.

Estamos mui satisfeitos
Que grande acompanhamento.
Vamos comer e beber.
Viva o nosso casamento.

Partiste o bolo da noiva,
com uma faca de prata.
Já puzeste a mão na Cruz
Só por morte se desata.

Adeus João e Maria.
Eu já tenho dois filhinhos
Que o vosso lar sempre seja
uma união de carinhos.

Tudo correu no melhor.
Vivam, senhores padrinhos.
Ora, à saúde dos noivos
bebamos mais uns copinhos.

Filho do meu coração,
estás no teu grande dia.
Deus te dê saúde e sorte,
e no lar muita alegria.

Nova vida vais tomar
com a tua mulher querida.
Ama-a com todo o carinho.
Deus vos dê anos de vida.

Peço-te que nunca percas
o amor a teus paizinhos.
E's tu o nosso ideal,
não temas outros raminhos.

O bem-querer a todos chega,
e a boa disposição.
Maria é tua mulher.
Dá-lhe sempre estimação.

Teus padrinhos a levaram
à igreja, com amor
a cumprir um sacramento,
a dar graças ao Senhor.

Com a tua devoção,
tem sempre amor e esperança.
Levas a tua mulher
e vais viver lá na França

Tanta gente a acompanhar-te
durante a tua cerimónia.
Que todos sejam leais
E' esta a maior glória.

Vinhas todo sorridente.
Já tens o que desejavas
Filho, hoje já é tua
a mulher que mais amavas.

Um casamento feliz
a todos dá alegria.
A paz e a felicidade
brilha como a luz do dia.

Deus queira que o bem-querer
aumente cada vez mais.
Viva o noivo, mais a noiva,
sejam amigos leais.

Vivam noivos e padrinhos.
Viva tudo em unção.
Vivam pais e amigos,
vivam todos que aqui estão.

Tenho em mim grande prazer
mas não digo mais nada.
Bebam-lhe mais um copinho,
fument uma cigarrada.

69/9/70

per Mario Pinto

Oh! Joaquim, Oh! desgraçado,
foste um pobre infeliz,
mas morreste pela Pátria,
o destino assim o quiz.

Tu tiveste a pouca sorte
de pai nunca conhecer,
desgraçada a tua mãe,
que se farta de sofrer.

Tanto por cá padeceste!
Trabalhaste, de menino,
sem teres amor de pai,
sem de ninguém ter um mimo.

Eras bom p'ra toda a gente
tudo te tinha amizade.
Agora Deus te levou
já para a Eternidade-

A tua mãe, coitadinha,
por ti tinha grande amor
e hoje chora sozinha,
a sofrer a sua dor.

Casaste ainda novinho,
tinhas casa pequenina;
quando foste militar,
já tinhas uma menina.

Adivinhaste a sorte
que Deus dita e que nos dá.
Triste sorte foi a tua.
A nossa, como será?

Um inferno se te abriu
e lá ficaste a dormir.
Ninguém te pôde valer,
foi uma dor sem sentir.

Ficaram loucos de dor,
ao ver-te cair no chão,
levaste a tua filhinha
gravada no coração.

Ficaram teus companheiros
no coração com tristeza,
mas morreste a defender
nossa Pátria Portuguesa.

Ao receber da notícia,
tua mulher e mãezinha,
cá ficaram bem tristes,
junto da tua filhinha.

Teus cunhados e irmãos,
todos choraram de dor;
eras bom p'ra toda a gente,
Deus te quiz por nosso amor.

Quando veio o telegrama,
ninguém queria acreditar;
foi um golpe bem profundo,
custoso de suportar.

Choram duas criancinhas
a tua infelicidade:
chora a mãe, e chora a filha,
só com dois anos de idade.

Deste a vida, sem saber,
longe dos teus ideais.
Seja pobre, seja rico,
no morrer somos iguais.

A tua mãe coitadinha,
teus irmãozinhos também,
sem conhecerem seu pai,
que triste sorte eles têm.

E a mãe pobre infeliz,
com dois filhinhos ao lado,
choram os três sua dor,
o seu querido desgraçado.

Inda escreveste uma carta
dias antes de morrer,
em que mandas um retrato,
lá no Mato a combater.

Desta carta que escreveste
na véspera de morrer,
das palavras que lá dizes,
ninguém se pode esquecer.

Quando a carta cá chegou,
já tinhas dado alma a Deus.
Que estejas em bom lugar,
lá para o Reino dos Céus.

Quando o teu corpo chegou
causavam dó e paixão
tua mãe, tua mulher,
cortavam o coração.

Foste p'ra Misericórdia,
e muitos te acompanharam;
todos de ti se lembravam,
e todos por ti choraram.

Lá estiveste toda a noite,
na igreja dos pobrezinhos.
Sempre foste um infeliz,
morreste desgraçadinho.

Metido no teu caixão,
lá estás debaixo da terra,
a fazeres companhia
aos Combatentes da Guerra.

Coroas te ofereceram
como provas de amizade,
já tiveste o fim da vida,
vinte e dois anos de idade.

No dia dois de Dezembro,
foste para a terra fria.
Agora só te faz falta
Padre Nosso, Avé Maria.

1/2/69